



DOSSIÊ

Serviço Social, lutas feministas e antirracistas na tela

A experiência da Mostra Audiovisual
“Marielle Franco, Presente!”

Bruna Andrade IRINEU, *Universidade Federal de Mato Grosso*

Maria Helena ELPIDIO, *Universidade Federal do Espírito Santo*

Elziane DOURADO, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

A morte de Marielle Franco indignou segmentos sociais progressistas da política brasileira, engajados em lutas sociais feministas, antirracistas e LGBTifóbicas. Um levante por parte dos movimentos sociais tem marcado esses mais de dois anos de lutas e, especialmente, para saber #QuemMatouMarielleFranco. Seu assassinato ocorre em ano eleitoral e, na cidade do Rio de Janeiro, vencem o pleito, ao menos, três mulheres negras, que contribuíam com o mandato da vereadora. A semente, germinada a partir do luto, se espraia por outras regiões do país, mas ainda insuficiente para uma justiça racial e de gênero na política brasileira, histórica e estruturalmente marcada pelo racismo e superexploração das mulheres. A morte brutal de Marielle – mulher, negra, favelada e lésbica – gerou mobilizações também em espaços acadêmicos, tornando-se símbolo de luta em defesa das cotas raciais e da livre expressão sexual nas universidades. Fator este que se constituiu como fundamental para compreensão da urgência da adoção de perspectivas interseccionais e consubstanciais para análise da realidade social. Este artigo aborda esses efeitos na formação profissional em Serviço Social, através da articulação do debate de raça, classe social, gênero e sexualidade com o campo audiovisual na experiência de uma Mostra dentro do maior evento acadêmico de pesquisadores(as) desta área – o XVI ENPESS, Vitória/ES.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social. Feminismo. Lutas antirracistas. Audiovisual. Marielle Franco.



Introdução

A Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço (ABEPSS) é uma organização política e acadêmica, que congrega pesquisadoras e pesquisadores da área de Serviço Social. Fundada em 1946, como Associação Brasileira de Escolas de Serviço Sociais (ABESS) e assumindo em 1996 o fortalecimento da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação profissional; a construção da articulação graduação e pós-graduação; o fortalecimento da natureza científica da entidade; e o compromisso com a ampliação da organicidade da pesquisa, que culminou posteriormente, no ano de 2010, na criação dos Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs).

É no seio das discussões de um desses grupos, o GTP “Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades, da ABEPSS que começam a tomar forma propostas mais ousadas de articular linguagens importantes entre a produção de conhecimento e outras formas de expressão. Trata-se de superar as dicotomias tradicionais e buscar, por meio de processos críticos e criativos, outras formas de expor alguns dos fenômenos sociais, aqui, por exemplo, aqueles que interseccionam classe, gênero e raça- etnia, evidenciando-se as dimensões também interseccionais, consubstanciais e co-extensivas das desigualdades sociais.

Procurando encaminhar uma proposta que permitisse o diálogo entre dimensões estético-expressivas e técnico-racional-operativas tratou-se de buscar também a expressão, em outras linguagens, das desigualdades sociais em um contexto de avanço ultraliberal, do conservadorismo e do fascismo. Isto é, da emergência de um ódio genocida dirigido à classe trabalhadora em especial, o principal alvo “oprimidas” dada a ameaça que podem representar como forças contra-hegemônicas que encontram sustentação no sujeito universal branco, heterossexual e burguês. Marielle Franco é a representação que os poderes estão ruindo! Chuva e trovões que povoam nossas memórias não permitem o silêncio diante das desigualdades, injustiças e iniquidades racistas, machistas, sexistas e homofóbicas do ódio à classe em sua diversidade.

A proposta foi, então, de construção de uma Mostra de vídeos, conclamando a participação de toda categoria profissional à candidatura de trabalhos de curta-metragem voltados ao mote proposto – “Marielle, Franco, presente!”. Vale destacar, que o evento nunca havia realizado um



Mostra Audiovisual. Após as inscrições e devida seleção, teve espaço, então, no XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (XVI EMPRESS), em Vitória, Espírito Santo, em dezembro de 2018 da Mostra de Vídeos “Marielle, Franco, presente!”. É sobre esta experiência que este artigo se volta, portanto, mas, jamais, fazendo do cinema uma simples ilustração a pretexto de conferir uma dimensão estético-artística “dourada” a fenômenos sociais tão marcados pela desigualdade e violência.

Este artigo é, portanto, uma forma de comunicar o significado do luto de Marielle Franco e a ousadia de transformar isso em lutas que impactem na formação profissional e na produção de conhecimento de uma determinada área disciplinar. Desta forma, a estrutura da exposição tem como ponto de partida o debate de raça, gênero, sexualidade e classe social. Busca, por meio da produção do Serviço Social brasileiro, apresentar as balizas do debate que vem sendo desenvolvido e que operam na abordagem da dinâmica da produção e reprodução social, conferindo a diferentes clivagens de gênero e diversidade sexual e de raça-etnia, que também expressam a história e constituição da formação social brasileira, o estatuto necessário e que se soma ao da classe social.

Este debate ganha contornos mais significativos, na medida em se avança na articulação entre trabalho e formação profissional e as lutas de diferentes segmentos sociais que conformam a classe trabalhadora, expressar, multifacetadamente, como expressões da questão social – objeto da práxis do Serviço Social. Afinal, foi nesta trajetória de lutas que acompanha o próprio processo formativo do Serviço Social que se tornou possível se forjar também um projeto profissional em suas dimensões ético-políticas, teórico-metodológicas e técnico-operativas. O que denominamos como projeto ético-político do Serviço Social se firmou, então, como um compromisso irrefutável com a classe trabalhadora e, acrescente-se, em suas diferentes frações, também marcadas pelo patriarcado e o racismo que impregnaram, e ainda impregnam, a formação social brasileira.

Tratando-se de luta e resistência, a exposição avança, então, para demonstrar como, também no Cinema, a produção desenvolvida não empresta gratuidade à cultura brasileira e latino-americana. Superando formas clássicas do pensar e fazer cinema, avanços se desenvolveram no sentido de constituição de uma nova linguagem e de uma nova estética.



O debate de raça, gênero, sexualidade e classe social no Serviço Social brasileiro

O Serviço Social brasileiro tem como referências nesses últimos 30 anos, a construção da ruptura teórica e política da profissão com a sua gênese e institucionalização arraigados no conservadorismo e, conseqüentemente, tem como parâmetro o processo de constituição e maturação do que denominamos de Projeto Ético-Político Profissional. Segundo Marilda Iamamoto (2007), o processo de renovação crítica do Serviço Social é resultado e expressão de um amplo movimento de lutas pela democratização da sociedade e do Estado no país, com forte presença das lutas operárias, que impulsionaram a crise da ditadura militar: a ditadura do grande capital.

O Serviço Social brasileiro contemporâneo apresenta uma feição acadêmico-profissional e social renovada, voltada à defesa do trabalho e dos trabalhadores, do amplo acesso a terra para a produção de meios de vida, ao compromisso com a afirmação da democracia, da liberdade, da igualdade e da justiça social no terreno da história. Nessa direção social, a luta pela afirmação dos direitos de cidadania, que reconheça as efetivas necessidades e interesses dos sujeitos sociais, é hoje fundamental como parte do processo de acumulação de forças em direção a uma forma de desenvolvimento social inclusiva para todos os indivíduos sociais (IAMAMOTO, 2009, p. 18).

Segundo a autora, as lutas democráticas da década de 1980, com as fortes manifestações populares pela garantia da democracia e dos direitos sociais que culminaram com as conquistas da Constituição 1988, serviram de campo fértil para adensar a direção ético-política de defesa dos interesses da classe trabalhadora, marcada pelo 3º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), realizado em São Paulo, em 1979, também conhecido como “Congresso da Virada” (IAMAMOTO, 2007).

A incorporação da categoria ontológica Trabalho, como eixo fundante de análise da profissão e sua especificidade na sociedade capitalista, e a compreensão da Questão Social, engendrada e agravada no bojo deste modo de produção burguês e seu modelo de exploração e dominação humana, possibilitaram ao Serviço Social conquistar o estatuto de maturidade intelectual, a liberdade acadêmica, a expressão política e a capacidade interventiva necessários para sustentar a ação profissional crítica e coerente com seus princípios: “fazer as pazes com a história” (IAMAMOTO, 2007). Compreende-se a profissão de Serviço



Social inserida na divisão social e técnica do trabalho, com suas contradições e possibilidades efetivas de ação profissional na arena das relações sociais. Portanto,

É na dinâmica das relações entre as classes sociais e destas com o Estado e a sociedade inclusiva – na práxis social – que se encontram a fonte das problemáticas a serem enfrentadas e a chave de suas soluções. Assim, é lançado o olhar para um horizonte mais amplo, que apreenda o movimento da sociedade e as necessidades sociais aí produzidas, alvos potenciais da atuação do assistente social, que se torna possível iluminar as particularidades dessa especialização do trabalho na trama das relações de classes. E desentranhar dos processos sociais uma nova agenda profissional e inéditos desafios que impulsionem a consolidação do projeto do Serviço Social brasileiro (IAMAMOTO, 2007, p. 221).

Esta trajetória forma, então, as bases para a constituição do denominado projeto ético-político, materializado e expresso pela categoria por meio das elaborações coletivas e democráticas dos instrumentos que sustentam este Projeto, a saber: a) na dimensão jurídico-normativa – o código de ética profissional de 1993, as Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 e o conjunto de garantias sociais asseguradas nas legislações e na Constituição; b) na dimensão formativa – o projeto de formação profissional calcado nas diretrizes curriculares da ABEPSS, a produção do conhecimento e a direção social da graduação e pós-graduação e; c) a dimensão político-organizativa – com o conjunto CFESS/CRESS, a ABEPSS e a ENESSO (BRAZ; TEIXEIRA, 2009).

Netto (1996, p. 109), a despeito das contradições e disputas profissionais, aponta que este projeto profissional obteve “grandes avanços na década de 1990 com a *vanguarda acadêmica* progressista e em sua organização política, o que para o autor não refletiu na mesma proporção junto à grande massa dos assistentes sociais de ‘campo’”.

A formação profissional em Serviço Social, por se constituir como eixo de materialização e enraizamento do projeto ético-político da categoria desde a década de 1980, tem se apresentado como objeto fundamental de debates teóricos e ações acadêmico-políticas no seio profissional, com a compreensão de que a profissão se inscreve como parte do processo de desenvolvimento das relações de produção e reprodução da vida social (RAMOS; ABREU, 2014).

A compreensão dos fundamentos do Serviço Social passa, portanto, pela compreensão da realidade na perspectiva de totalidade



histórica e por isso “parte do pressuposto de que a história da sociedade é o terreno privilegiado para a apreensão das particularidades do Serviço Social: do seu modo de atuar e de pensar incorporados ao longo de seu desenvolvimento” (IAMAMOTO, 2014, p. 621).

No bojo desses impactos, na base material e nos fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social, é importante destacar a relevância dos aspectos centrais do projeto ético-político e os valores universalistas e de liberdade preconizados pela categoria nos últimos anos, além da relevância que a organização política da profissão¹ tem trazido no enfrentamento a todos esses processos em curso.

No Serviço Social a articulação entre exercício e formação profissional é parte fundamental da constituição do projeto de formação preconizado nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS, aprovado coletivamente em 1996. Portanto, a principal determinação para os embates que estamos enfrentando na conjuntura atual reside na clara oposição existente entre o Projeto de Formação calcado na emancipação e a Política de Educação neoliberal sob a égide do mercado, que no contexto de ultraliberalismo, direciona uma série de ataques ao pensamento crítico e outros de cariz questionador da ordem hegemônica. Uma forte ideologia conservadora se apoia em referenciais fascistas, sexistas, misóginos, sexistas e racistas que procuram desqualificar os diferentes sujeitos sociais que, nos últimos anos, têm representado a resistência e a denúncia do “ódio” às classes que roubam ainda mais as fragilidades dos direitos de Estado e das liberdades democráticas no Brasil, em especial, com o avanço no Bolsonarismo.

Esta construção coletiva da categoria profissional, como vimos, é caudatária dos movimentos de democratização do país, e consonante com a necessidade urgente de derrubada da lógica heterônoma da formação social, que pauta-se na reprodução dos processos de

1 As Organizações da Categoria, diga-se, o conjunto CFESS/CRESS, a ABEPSS e a ENESSO, tem uma Agenda apoiada em ações e decisões coletivas onde destacamos as últimas conquistas da aprovação da lei de redução para 30 horas de trabalho sem redução de salário, a elaboração e implementação conjunta do plano de lutas em defesa da qualidade na formação profissional, a posição crítica firme sobre a EAD, consubstanciada no documento denominado “Sobre a Incompatibilidade entre Graduação à Distância e Serviço Social” (2010), a orientação para sindicalização por ramo de atividade, a defesa da legalização do aborto, a reafirmação do direito ao trabalho e às políticas. Na ABEPSS destacamos a elaboração da Política Nacional de Estágio (PNE), a constituição dos Grupos de Temáticos de Pesquisas (GTPS), para o fortalecimento da pesquisa da área de Serviço Social, dentre outras.



exploração e opressão patrimonialista, patriarcalista, racistas e heterossexistas.

Para confrontar esta lógica, as entidades da categoria passaram a investir na organização e articulação dentro e fora da academia, que possibilitem ações e estratégias coletivas voltadas à evidenciar as formas de lutas e resistências da classe trabalhadora, nas suas particularidades de gênero, raça-etnia, sexualidade e geração. Visando fortalecer a formação profissional e a produção acadêmica que contribua para dar visibilidade e aprofundamento de conhecimentos relacionados aos sujeitos sociais, em 2010, a ABEPSS constituiu o Grupo Temático de Pesquisa (GTP) “Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades”, que possui as seguintes ementas, em suas respectivas ênfases:

Ênfase 1 – Sexualidades, identidades de gênero e direitos. Sexualidades hegemônicas e dissidentes e a multiplicidade das expressões de feminilidade e masculinidade presentes no escopo das relações sociais. Historicidade da sexualidade e das identidades de gênero e a produção das desigualdades sociais. Interseccionalidade, consubstancialidade, co-extensividade e outras perspectivas integradoras das múltiplas desigualdades e opressões existentes na sociedade. Movimentos e lutas sociais articulados em torno da sexualidade e expressão de gênero. Direitos sexuais e direito à expressão de gênero como direitos humanos. Políticas sexuais, com ênfase nas políticas públicas de enfrentamento das desigualdades relacionadas à sexualidade e à expressão de gênero. Relações entre sexualidade e identidades de gênero e o trabalho profissional dos/as assistentes sociais.

Ênfase 2 – Relações patriarcais de gênero e raça. Divisão sexual e racial do trabalho, trabalho doméstico e reprodução social no capitalismo, sistema capitalista patriarcal e racista, violências sexistas e racistas contra mulheres nos espaços públicos e privados.

Ênfase 3 – Relações étnicos raciais e desigualdades / Antirracismo e Serviço Social. Raça/etnia, racismo e capitalismo. Teorias raciais e pensamento social na formação brasileira: do século XIX à contemporaneidade. Estado, raça/etnia e racismo institucional no Brasil. O Movimento Negro e suas múltiplas formas de resistência e organização. Movimento de Mulheres Negras e o enfrentamento do racismo, sexismo, lesbohomotransfobia no Brasil: a contribuição do feminismo negro. Políticas públicas de equidade. Ações afirmativas no Brasil. Questão social e questão étnico-racial na formação profissional e no exercício profissional.



Ênfase 4 – Feminismos e Serviço Social. Vertentes teóricas e políticas do feminismo. Feminismo negro e feminismo lésbico. Particularidades das lutas das mulheres na América Latina. Articulação entre feminismo e Serviço Social. (ABEPSS, 2020, s/p).

Certamente, tal proposta visa atribuir avanços, em pesquisas e na formação profissional, que contemplem tais particularidades e que se constituem como um enorme desafio. Queiroz e et. ali. (2014) referindo-se ao referido GTP, apontavam para a necessidade uma maior correlação entre as ênfases existentes naquele período. Logo, a reformulação vem do acúmulo do grupo, mas especialmente de uma preocupação maior das pesquisadoras com a necessidade de correlacionar gênero, raça, sexualidade e classe social.

Nesse sentido, em se tratando da Mostra de vídeos “Marielle Franco, presente!”, levou-se em consideração a necessidade de uma abordagem que fosse capaz de considerar a interseccionalidade e de superar a dicotomia entre as dimensões estético-expressivas e técnico-racional e operativa, a fim de representar uma dialogicidade fundamental em tempos nebulosos de destruição e desvalorização da arte como instrumento libertador.

Vale registrar que foi no processo de amadurecimento do trabalho do GTP “Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Feminismos, Raça/Etnia e Sexualidades” que no planejamento coletivo da gestão da ABEPSS (2017-2018), denominada “Quem é de luta, resiste!”, empossada em pleno curso do golpe de 2016, que se deliberou por priorizar o aprofundamento do debate da questão étnico-racial na formação dos assistentes sociais brasileiros, dando ênfase ainda à questão do racismo e ao enfrentamento às formas estruturais e institucionais na formação e exercício profissional nas publicações, ações e eventos da entidade.

Para consolidar esta direção, em 2018, durante o XVI ENPESS, com o tema “Em tempos de radicalização do capital, lutas, resistências e Serviço Social”, em Vitória/ES, foi lançado o documento denominado: “*Subsídios para o debate sobre a questão Étnico-Racial na Formação em Serviço Social*”. Ao elaborar a cartilha, a associação coloca como uma das centralidades da sua agenda política o compromisso na construção de um projeto de formação profissional antirracista e reconhece o significado sócio-histórico do debate étnico-racial para o Serviço Social brasileiro.



Com o objetivo de construir coletivamente para o aprofundamento do debate étnico-racial com as Unidades de Formação Acadêmicas (UFA) e demais espaços formativos na graduação, pós-graduação e na perspectiva da educação permanente, o material ora apresentado oferecerá aos profissionais, docentes e discentes, elementos iniciais para a implementação de ações concretas no âmbito do ensino, pesquisa e extensão. (ABEPSS, 2018, p. 11 e 12).

O necessário debate da questão étnico-racial efetiva-se, sob o rigor da análise crítica da sociedade capitalista e seu processo de produção e reprodução, e deve ser considerada como um dos eixos estruturais e estruturantes das relações sociais. Sobretudo, quando se tem por horizonte a superação desta sociabilidade, que alcança, no atual estágio de crise do capital, os patamares mais insustentáveis de vida em tempos sombrios de uma crise estrutural, que se soma a uma pandemia que evidencia as profundas desigualdades sociais e torna insustentáveis as avassaladoras consequências da existência e aprofundamento do racismo neste momento ímpar da humanidade².

Nesta direção, o racismo e as diferentes formas de opressão precisam ser enfrentados nos diversos espaços formativos. Esta defesa é fundamental, sob o risco de sérios retrocessos na profissão, passando pela negação do legado crítico e político de defesa da classe trabalhadora e seus interesses, conduzindo o “futuro em direção ao passado” de conservadorismo hegemônico no Serviço Social (ABREU, 2016).

Desta forma, podemos inferir que Marielle Franco é um símbolo desse momento político e acadêmico no Serviço Social brasileiro, em que o maior evento da área apresenta uma Mostra com uma estética inédita, apresenta um documento para subsidiar o debate racial na formação profissional e mais que isso, apresenta uma composição de mesas e conferências dando centralidade ao debate racial.

Marielle Franco fez sua campanha eleitoral utilizando a frase “Eu sou, porque nós somos!”, que recupera o sentido de história, memória e ancestralidade. Assim, a que se considerar que pesquisadoras como Magaly Almeida, Elizabete Pinto, Roseli Rocha, Márcia Eurico Campos,

2 Sobre a relação entre a pandemia provocada pela Covid 19 e o racismo sugerimos ler o artigo: “Em um mundo que nos asfixia, é hora de retirar a máscara do racismo para voltarmos a respirar!”. Disponível em; <<https://medium.com/@interfaces.ufes/em-um-mundo-que-nos-asfixia-%C3%A9-hora-de-retirar-a-m%C3%A1scara-do-racismo-para-voltarmos-a-respirar-c05841a48989>>. Acesso em: 15 jun. 2020



Ana Paula Procópio, Joilson Santana Marques, Sheila Dias e outras tem feito forte investimento na produção sobre a raça, gênero e classe social.

Lutas sociais e produção audiovisual em articulação

Na produção da área de Serviço Social é possível identificar uma relação, ainda que tímida, entre audiovisual e extensão universitária (IRINEU e RODRIGUES, 2015). O debate sobre imagem e Serviço Social; cinema e Serviço Social; comunicação e Serviço Social; embora existente ainda é incipiente na área. A Mostra Audiovisual no ENPESS, em 2018, veio também como essa intenção de fomentar os usos de outras linguagens.

Desde a sua emergência o cinema foi marcado pela heterogeneidade fílmica e por inúmeras formas de espetáculos populares, como nos recorda Flávia Cesarino Costa, em seu livro *O Primeiro Cinema: espetáculo, narração e domesticação*. Esse “mundo paralelo a cultura oficial”, segundo a autora, expressava o não interdito, a diversão suspeita, enfim a experiência ainda não enquadrada, institucionalizada pelas convenções da moral, cultura e poder da época. (COSTA, 1995).

Considera-se, em geral, o ano de 1895 como o marco simbólico do surgimento do cinema com a exibição da primeira sessão pública, pelos irmãos Lumière, no Grand-Café de Paris, do filme *A chegada do trem na Estação de Ciotat*. E, durante pelo menos 15 anos, o cinema viveu esse processo contínuo de experimentação técnico-artístico e de linguagem. Em 1915, simbolicamente, com o filme *O Nascimento de uma nação*, de David Griffith, é que a linguagem clássica se afirmou a partir dos sistemas de representação já codificados e familiarizados pelo público.

A verve do cinema de experimentação e ruptura com os padrões de representações e percepções vigentes se aprofundou, no entanto, na década seguinte, principalmente com as vanguardas que, a seu próprio tempo, estabeleceram uma crítica voraz a partir de suas cinematografias particulares ao processo de crescente domesticação do olhar já instalado e em expansão com a indústria de Hollywood. Vários artistas inovaram nos elementos constitutivos da linguagem fílmica, na articulação entre arte e política, entre cinema e realidade sociopolítica e econômico-



cultural. Também instauraram uma outra forma de olhar a imagem e o processo de produção fílmica. Serguei Eisenstein, intelectual e artista, vivendo o processo revolucionário de 1917, na URSS, é um exemplo clássico desse momento fértil e profícuo na história da arte e, junto com outros artistas e realizadores, influencia até hoje nosso modo de ver, pensar e fazer cinema não dissociando o homem da História, a Arte da Política, O Cinema das questões e lutas de seu tempo.

Ainda hoje, essa tensão entre interesses radicalmente distintos permanece na produção fílmica mundial e expressa a resistência e resiliência daqueles que pensam e fazem um cinema integrado às lutas sociais, políticas e culturais de sua época. Um cinema que está integrado às necessidades e lutas do povo, que não se furta em agir diante da realidade, em reconhecer a arte, o cinema, como um ato político.

Um cinema imperfeito, diria Garcia Espinosa, terceiro cinema para Fernando Birri, estética da fome para Glauber Rocha, conforme cita José Carlos Avellar, em *A Ponte Clandestina*, quando discute o cinema produzido na América Latina e sua relação com a luta anticolonialista. Para o autor esses cinemas “[...] buscam uma dramaturgia cinematográfica que nos represente tal como somos; o que pensamos em seguida – o cine imperfecto, o cine junto al Pueblo, a estética do sonho, a dialética do espectador [e] a imagem poética [...]”, expressam um debate que compreende o cinema de um modo diferente “pela projeção que, ação subversiva, estimula a pensar com os olhos”. (AVELLAR, 1995, p. 158)

É dentro desta perspectiva que identificamos a nova geração do cinema negro brasileiro, que imprime na tela as imagens da resistência às desigualdades sociais, as opressões e violências das questões de classe, gênero, raça, etnia, diversidade sexual, entre outras.

Com um jeito próprio de pensar e fazer cinema articulam, criativamente, a sua poética à sua política e são vistos anualmente, há mais de doze anos, nos Encontros de Cinema Brasil–África que, desde 2007, promove a cultura, os intercâmbios e cooperação de artistas negros brasileiros, africanos e da diáspora, em torno das diferentes áreas da produção audiovisual. Iniciativa do Centro Afro Carioca de Cinema, cujos fundadores foram Zózimo Bulbul e Biza Vianna, atual presidenta. Denominado, atualmente, como Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul – Brasil, África e Caribe é considerado como “a maior janela de exibição afrodiaspórica de cinema negro no país”, pois, além das



exibições, há a promoção de um conjunto de ações formativas, tais como oficinas, palestras, seminários etc. (CENTRO AFRO CARIOCA DE CINEMA, 2018)³.

Configura-se, pois, como um Encontro histórico fundamental, para a visibilidade na tela e fora dela, dessas novas gerações de artistas negros que, há anos, estão em plena efervescência na produção audiovisual, embora não visibilizados pela imprensa conservadora e racista. Revelam, literalmente, pela impressão do material sensível na tela do cinema, que são realizadores de um cinema profundamente enraizado na sociedade, revelando as dores, sofrimentos, lutas e resistência de um povo que afirma, como nos diz Janaina Oliveira, curadora e pesquisadora de cinema Africano, “o cinema negro tanto como gênero cinematográfico, quanto como espaço e luta política no cenário do audiovisual nacional.” E complementa, afirmando que se trata de “Uma geração de novos cineastas que assumiu para si a responsabilidade de transformação e aumento da presença negra no cinema nacional assim como Zózimo Bulbul tanto desejou e impulsionou, como visionário e artista militante que era.” (CENTRO AFRO CARIOCA DE CINEMA, 2018)⁴.

A Mostra de vídeo “Marielle Franco, Presente!” no XVI ENPESS

“[...] A invisibilidade negra é tida como natural. E o incômodo social acontece, na sua maioria, quando as raízes emergem do subsolo, quebrando muros, calçadas, se espalhando pelo asfalto, se tornando visíveis. Marielle Franco é uma dessas raízes que não se contentou em viver debaixo da terra. Que desafiou as muretas, quebrou calçadas e contrariou o status quo. Marielle é, para mim, a força ancestral do Baobá. A resistência negra das raízes que, quando aparadas, crescem mais fortes, mais resistentes e desafiam a todos que as querem ver soterradas. Marielle Vive!” (Mariana Luiza)

A Mostra de vídeo “Marielle Franco, Presente!” foi promovida pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Serviço Social

3 CENTRO AFRO CARIOCA DE CINEMA. Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul – Brasil, África e Caribe. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://afrocariocadecinema.org.br/os-encontros/encontro-de-cinema-negro-zozimo-bulbul-brasil-africa-e-caribe-11-anos/>>. Acesso em 14 jun. 2020.

4 Cf. referência em nota de rodapé anterior.



(ABEPSS), durante a realização do XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Serviço Social (XVI ENPESS), na Universidade Federal de Vitória, Espírito Santo no mês de dezembro de 2018.

A Mostra de Vídeos do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social se propõe a ser um importante espaço para trabalhos de especialistas que desenvolvem estudos e/ou projetos de extensão e/ou projetos de intervenção e/ou práticas profissionais envolvendo produção de vídeos de animação, ficção ou documentários, em suporte digital com duração de até 25 minutos, abordado temas correlacionados ao Serviço Social e as múltiplas expressões da Questão Social.

Em seu primeiro ano, a Mostra homenageará Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, na região central do Rio de Janeiro. Feminista, negra, bissexual, intelectual, militante, oriunda da favela da Maré, vereadora pelo Rio de Janeiro, vinha denunciando situações de violência e opressão. Sua morte representou um ataque a todas as mulheres, especialmente, negras e militantes que lutam cotidianamente pela construção de uma sociedade mais justa e sem opressões.

A Mostra de Vídeos é um espaço que reconhece a imagem como uma área de conhecimento particular capaz de construção de sentidos e narrativas múltiplas sobre a realidade. Traduz, desse modo, reflexões que articulam pesquisa e o trabalho profissional à uma linguagem que se constitui como um campo aberto a experimentações. É um espaço que reafirma os caminhos que a profissão vem seguindo ao articular visualidades, memórias e resistência numa ótica pautada pelo compromisso com o Projeto Ético Político Profissional do Serviço Social.

MOSTRA DE VÍDEOS
“MARIELLE FRANCO, PRESENTE!”
enpess.com.br/portal/conteudo/mostra_audiovisual

APOIADORES
UFES
CAPES
CNPq
FAPES

REALIZAÇÃO
ABEPSS

ORGANIZAÇÃO
OIV

MOSTRA DE VÍDEOS
“MARIELLE FRANCO, PRESENTE!”

De um total de 22 filmes inscritos, foram selecionados 14 filmes, em formato digital, representativos tanto do gênero documentário quanto de ficção no formato de curta e média metragem. O quadro 1 apresentado, a a seguir, a listagem com os filmes, seus diretores, roteiristas e/ou produtores.

A mostra exibiu, por quatro dias seguidos, filmes que trataram das expressões da questão social, especialmente retratando sua dimensão cultural e particularizando, em sua maioria, a realidade brasileira, exceto em um filme, de média metragem, que tratou da experiência da localidade de Torres, na Venezuela. A produção executiva e de realização dos vídeos envolveram instituições de ensino superior em seus projetos de pesquisa e extensão, empresas de audiovisual, escola livre de cinema e organizações, tais como Centro Acadêmico, Conselho Federal, dentre outras.



Quadro 1 – Filmes exibidos na Mostra Marielle Franco

Aquilo que me olha (24':00")	Direção de Felippy Damian, produção de Filme Feito Faca, Cuiabá/MT, 2016.
Casca de Baobá (11':33")	Roteiro de Mariana Luiza e Rodrigo Savastano, direção de Mariana Luiza, produção de Maraberto Filmes, Rio de Janeiro/RJ
Dois pesos (17':36")	Roteiro e direção de Rejane Neves, produção de Escola de Cinema Darcy Ribeiro (ECDR), Rio de Janeiro/RJ
Enfim sós (12':56")	Roteiro, direção e produção de Raylka Frámlin, Ceará.
Exposição Serviço Social, memórias e resistências contra a Ditadura (10':21")	Roteiro e criação de Rafael Werkema e Diogo Adjuto, produção de Conselho Federal de Serviço Social (CFESS).
Grupo reflexivo para homens (3':28")	Direção de Élide Maria Oliveira do Nascimento, produção do Tribunal de Justiça/PE.
(In)sustentável (12':01")	Roteiro de Seo Cruz, direção de Julio Castro e Seo Cruz, produção de Ícone, Natal/RN, 2018.
Incubadoras tecnológicas de Economia Solidária (24':33")	Roteiro e direção de Felipe Addor, Layssa Maia, José Luiz Borges, Thiago Camargo e Victor Costa, produção de GEM/SOLTEC/NIDES/UFRJ.
Majur (20':00")	Direção de Rafael Irineu, produção de Filmesimples, Mato Grosso, 2018
Marielle Franco (10':16")	Direção de Cesar Migliorin e Douglas Resende, produção de Laboratório Kumã/UFF, 2018.
No avesso da noite de Palmas (24':45")	Roteiro de Ayrton S. S. do Amaral e Bruna Andrade Irineu, direção de Bruna Irineu, produção de Núcleo de Pesquisas, Estudos e Extensão “Sexualidades, Corporalidades e Direitos”, Univ. Fed. de Tocantins/UFT
O inventamos o erramos: poder popular em Torres Venezuela (24':59")	Roteiro de Leile Teixeira, direção de Felipe Addor e Leile Teixeira, produção de Projeto de Extensão “Poder Popular e Campesinato” – Esc. de Serviço Social/UFRJ
Por isso, me grito (2':33")	Roteiro de Isabela Santos de Lima, Aline Capristano e Juan Pablo Diaz Vio, direção de Juan Pablo Diaz Vio, produção do Centro Acadêmico de S.Social/UERJ, 2018.
Ser mulher na Maré (16':25")	Roteiro Aurélio Aragão e Agatha Alves, direção de Agatha Alves da Silva, produção da Esc. de Comunicação/UFRJ

Fonte: ABEPSS. Mostra “Marielle Franco, Presente!” XVI ENPESS, Vitória/ES, 2018.



O recorte para organização da mostra considerou a diversidade geográfica, temática e de linguagem dos filmes. E, desse modo, a programação da exibição se estruturou na convergência de instâncias particulares, afeitas à temática central, relacionando as experiências dos sujeitos implicados nas diferentes narrativas fílmicas.

Seus corpos sociais, políticos, econômicos e culturais marcam uma diversidade de percursos, que, por sua vez, percorrem territórios de resistência e (re)existência à ditadura civil-militar brasileira de 1964 (Exposição Serviço Social, memórias e resistências contra a Ditadura); às opressões de gênero e sexualidade (No avesso da noite de Palmas, Aquilo que me olha e ser mulher na Maré), bem como de questões étnico-culturais (Maju); do processo de ressignificação da vida e da plenitude de ser quem se declara, rompendo com as normatizações limítrofes e definidas a priori (No Avesso da noite de Palmas e Aquilo que me olha); na presença da memória, conhecimento e ancestralidade africana na relação homem-natureza (Casca de Baobá), na experimentação de projeto educacional na esfera pública do ensino audiovisual (“Marielle Franco”).

A violência foi um outro marcador que perpassou o conjunto temático dos filmes seja em situação de crianças em moradia de rua (Enfim sós), ou na criminalização da mulher preta e pobre (Dois Pesos e Ser mulher na Maré), ou, ainda, na violência doméstica e familiar através do trabalho com homens agressores (Grupo reflexivo de homens). A violência também foi reconhecida em filmes relacionados ao acidente ambiental e a participação midiática no processo ([In]sustentável) e ao grito da juventude do movimento estudantil (Por isso me grito). Este último, um filme de curtíssima metragem, inscreve o próprio corpo como plataforma de reivindicação, na medida em que se auto reconhece em suas potencialidades para o enfrentamento do sistema patriarcal e opressor de corpos que se movem e se autoproclamam livres.

Entre os filmes selecionados, também se fez presente a institucionalidade das experiências de organização popular, de novos modelos de gestão pública e organização comunal (O inventamos o erramos: poder popular em Torres, Venezuela). E, também, da iniciativa de gestão pública experimental, através do trabalho em incubadoras (Incubadoras tecnológicas de Economia Solidária).

Desde o primeiro dia, o público é convidado a mergulhar na heterogeneidade da linguagem e da irreverência temática geradora de



narrativas de resistência. E este processo se dá numa dimensão espaço-temporal em que o mundo da história contada inclui o envolvimento e participação do espectador porque ele é convocado a também construir a experiência cinematográfica.

Por ter os filmes diferentes linguagens, a ampliação da percepção em torno da potencialidade da imagem também se impôs ao debate. E, nesse aspecto, contribuiu como fonte geradora de possíveis rupturas com o olhar domesticado que, em geral, faz parte da experiência contemporânea com a imagem, principalmente a do cinema.

A persistência da continuidade, da potencialização da diegese, da busca incessante do processo de identificação e do ilusionismo como lugares comuns, na produção hegemônica do cinema, não significam que as experimentações e rupturas estão silenciadas. Muito pelo contrário, o cinema continua sua trajetória de experimentação, de rupturas, de inovação enquanto forma de ver, de pensar e intervir na realidade. (DOURADO, 2015).

O reconhecimento do espectador como coparticipe na experiência visual expressa, além de sua vital contribuição à construção do olhar, a quebra de um certo conforto tranquilizador e familiar nessa experiência. E diga, não só de passagem, frente a essa experiência que, até então, apenas o conduzia nos fios narrativos sem qualquer inquietação criadora.

Essa intranquilidade perceptiva, antes de tudo, permanece muito associada a linguagem dos filmes, em seus elementos formais, que são, por vezes, fronteiros e tênues. No entanto, além de sua temática, se afirmam, também, no modo pelo qual se constrói a narrativa, como se posicionam os dispositivos técnicos na captação, montagem e edição de sons e imagens.

Nesse sentido, os filmes da Mostra de Vídeo “Marielle Franco, presente!”, de uma forma geral, permitiram levantar essas questões relativas ao olhar do cinema, mediado que é pelos dispositivos técnicos, mas também marcado pelo imaginário, poesia e resistência.

Por ocasião da abertura da Mostra “Marielle Franco, presente!” foi possível relacionar essa perspectiva de ruptura, ousadia de questionamento dos cânones da linguagem cinematográfica, da impressão sensível das dores, angústias, lutas e resistências do povo brasileiro na tela com a presença inspiradora e de referência que Marielle Franco teve e tem para a juventude que pensa e faz cinema no



Brasil. E, principalmente, daquelas jovens que seguem seu caminho em meio a dor irreparável de sua execução. Nesse sentido, segue abaixo uma citação retirada de texto de Milena Manfredini. Ela e Mariana Luiza escreveram, especialmente, para a Mostra de Vídeo “Marielle Franco, presente!”. Ambas são jovens cineastas negras, diretoras, roteiristas e produtoras participantes do novíssimo cinema negro brasileiro. sendo que esta última:

Marielle Franco não se resume a um nome
Uma palavra de ordem ou um brado em manifestações
[...] É o corpo de mulheres negras que existe e re-existe a um país colonial
[...] é a construção de novas narrativas
[...] é a presença junto as deputadas negras
[...] é o sonho que gestamos a cada manhã
[...] é a nossa respiração
[...] é verbo de ação
[...] é a periferia de onde viemos
[...] é o cinema que filmamos aqui e agora
[...] é o que somos e desejamos ser
[...] é presente e futuro
[...] é o que não se pode mensurar
[...] é e está em cada uma de nós
[...] é conjugada no presente por ainda estar
Marielle é, porque NÓS SOMOS!

À guisa de conclusão

Este artigo buscou retratar a experiência de uma Mostra Audiovisual, realizada no maior evento acadêmico do Serviço Social, no ano de 2018, que homenageou Marielle Franco, vereadora assassinada no Rio de Janeiro no mesmo ano. A Mostra, inédita no evento, congregou vídeos vindos de sujeitos diversos, mas especialmente articulada ao tema das lutas sociais.

Neste texto, considerou-se a simbologia de Marielle Franco, como mulher, negra, lésbica e favelada, enquanto elemento de forte impacto para as reflexões que foram assumidas pela ABEPSS, durante a Gestão 2017-2019 “Quem é de luta, resiste!”, como a racialização das mesas e conferências, a memória de Dona Ivone Lara, também falecida naquele período recente, e especialmente, a apresentação dos subsídios para o debate da questão racial na formação profissional.



A programação fílmica, a homenagem à Marielle através de companheiras/os que atuaram com ela em algum momento de sua trajetória como assessora parlamentar, por exemplo, deram o tom de uma iniciativa diversa das quais o ENPESS costumou estar vinculado.

A valorização da discussão audiovisual na correlação com a profissão, também foi oportuna para ocasião, deixando importantes sementes com vistas ao engajamento do Serviço Social com outras estéticas.

Deste modo, evidenciou-se o luto por Marielle Franco, a indignação das assistentes sociais com o crime político fascista que se prenunciava com este assassinato e também a evocação deste luto enquanto luta contra toda forma de opressão e exploração, bem como o compromisso do Serviço Social com a construção de um projeto de sociedade que seja anticapitalista, antirracista, antiLGBTIfóbico e antipatriarcal.

Referências

AVELLAR, José Carlos. *A ponte clandestina*. São Paulo: EdUsp / Editora 34, 1995.

ABEPSS. *Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social*. Brasília: 2018. Disponível em: http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf. Acesso em 15 jun. 2020

ABREU, M. H. E. *Território, política social e Serviço Social no contexto de social-liberalismo*. São Paulo: Papel Social. 2016.

AMARAL, A. (Org). *Serviço Social Brasileiro nos anos 2000: Cenários, pelezas e desafios*. Recife: Editora UFPE, 2014.

BRAZ, Marcelo; TEIXEIRA, Joaquina Barata. O projeto ético-político do Serviço Social. In: CFESS/ABEPSS (Org.) *Serviço Social: direitos e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

CENTRO AFRO CARIOCA DE CINEMA. *Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul – Brasil, África e Caribe*. Rio de Janeiro: Centro Afro Carioca de Cinema, 2018. Disponível em: <<http://>



afrocariocadecinema.org.br/os-encontros/encontro-de-cinema-negro-zozimo-bulbul-brasil-africa-e-caribe-11-anos/>. Acesso em 14 jun. 2020.

COSTA, Flavia Cesarino. *O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação*. São Paulo: Scritta, 1995.

DOURADO, Elziane Olina. (Ziza D.) Mostra de imagem e questão social. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, n. 36, v. 13, Rio de Janeiro, 2º. sem. 2015 - n., p. 311- 323.

IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social em tempo de capital fetiche*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. O Serviço Social na cena contemporânea. In: CFESS/ABEPSS (Org.) *Serviço Social: direitos e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

_____. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. *Serviço Social e Sociedade* nº 120. São Paulo: Cortez, 2014.

IRINEU, Bruna A.; RODRIGUES, Mariana M. Militância LGBT, Memória e Extensão Universitária: reconstruindo histórias de resistência a partir da produção de um documentário em Palmas/Tocantins. *Revista Feminismos*, V. 3, n. 1, (2015). Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30082> >. Acesso em: 20 de out. 2019.

LUIZA, Mariana. Marielle Franco. Mostra de vídeo “Marielle Franco, presente!”. In: ABEPSS. *XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Serviço Social (XVI ENPESS)*. Vitória, ES, dez. de 2018 [comunicação pessoal].

MANFREDINI, Milena. Marielle tempo presente. Mostra de vídeo “Marielle Franco, presente!”. In: ABEPSS. *XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Serviço Social (XVI ENPESS)*. Vitória, ES, dez. de 2018 [comunicação pessoal].

NETTO, J.P. *Ditadura e Serviço Social*. 3 ed, São Paulo: Cortez, 1996.

QUEIROZ, Fernanda M; IRINEU, Bruna A.; CISNE, Mirla A.; LIMA, Rita de Lourdes. *Grupo Temático de Pesquisa, Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração,*



Sexualidades: breve histórico e desafios. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 14, n. 27, p. 233-241, jan./jun. 2014.

RAMOS, S. R.; ABREU, M. H. E. As particularidades do estágio curricular na formação profissional do(a) assistente social. In: MOTA, A. E.; AMARAL, A. (orgs). *Serviço Social Brasileiro nos anos 2000*: Cenários, pelepas e desafios. Recife: Editora UFPE, 2014.

ROCHA, Roseli da Fonseca. A questão étnico-racial no processo de formação em Serviço Social. *Serviço social & Sociedade*, São Paulo, n. 99, p. 540-561, jul./set. 2009.



Social Work, feminist and anti-racist struggles on the screen: the experience of the Audiovisual Exhibition “Marielle Franco, Presente!”

ABSTRACT: The death of Marielle Franco outraged progressive social segments of Brazilian politics, engaged in feminist, anti-racist and LGBTIphobic social struggles. An uprising by the social movements has marked these more than two years of struggles and, especially, to know #QuemMatouMarielleFranco. Her murder occurs in an electoral year and, in the city of Rio de Janeiro, at least three black women win, who contributed to the councilor's mandate. The seed, germinated from mourning, spreads to other regions of the country, but still insufficient for racial and gender justice in Brazilian politics, historically and structurally marked by racism and over-exploitation of women. Marielle's brutal death - woman, black, slum and lesbian - also generated mobilizations in academic spaces, becoming a symbol of the struggle in defense of racial quotas and free sexual expression in universities. This factor constituted itself as fundamental for understanding the urgency of adopting intersectional and consubstantial perspectives for the analysis of social reality. This article addresses these effects on professional training in Social Work, by articulating the debate of race, social class, gender and sexuality with the audiovisual field in the experience of an Exhibition within the largest academic event of researchers in this area.

KEYWORDS: Social Work. Feminism. Anti-racist struggles. Audio-visual. Marielle Franco.

Bruna Andrade IRINEU

Assistente Social. Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Vice-presidente da ABEPSS - região Norte (gestão 2017-2018).

Maria Helena ELPIDIO

Assistente Social, professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pós-doutora pela FSS/PPGSS/UFJF, doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Grupo de Estudos Octavio Ianni (UERJ) e do Núcleo de Estudos Interfaces (UFES). Presidente da ABEPSS (gestão 2017-2018).

***Elziane DOURADO***

Artista visual. Prof.a da Faculdade Serviço da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de Imagem Li/FSS/UERJ. Supervisora Acadêmica da Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Realizadora pela bambu.edu produções.

Recebido em: 18/06/2020

Aprovado em: 12/10/2020